



Do Arcadismo brasileiro às culturas latino-americanas: O lugar da literatura colonial na *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido

Marcel Vejmelka
Mainz

Introdução

No seu famoso ensaio «Literatura de dois gumes», publicado em 1966, Antonio Candido resume de maneira instigante a sua visão geral com respeito à literatura colonial:

Historicamente a literatura do período colonial foi algo imposto, inevitavelmente imposto, como o resto do equipamento cultural dos portugueses. E este fato nada tem de negativo em si, desde que focalizemos a colonização, não pelo que poderia ter sido, mas pelo que realmente foi como processo de criação do país, com todas as suas misérias e grandezas. (Candido 2006a: 213)

Esta citação serve como ponto de partida e orientação para as reflexões que seguem, pois ajuda a contextualizar, concretamente, como se dá a conexão entre o pensamento de Antonio Candido e a literatura colonial no âmbito da América Portuguesa. Assim como Candido adverte que a experiência histórica da colonização deve ser entendida como elemento constitutivo da formação do Brasil-nação, da mesma forma, segundo a sua visão da literatura brasileira, ela teria nascido da transplantação da literatura portuguesa para a Colônia.

Como é bem conhecido, a literatura colonial não ocupa um lugar de destaque na obra de Antonio Candido. Na sua vasta produção ensaística e de crítica literária, poucos textos se dedicam a obras do período colonial. Para além de considerações gerais em outros contextos mais amplos, as análises de autores e/ou obras específicas se limitam a ensaios como «Estrutura literária e função histórica», uma análise d'O *Caramuru* de Santa Rita Durão (1781), publicado em 1961 (Candido 2006b), «A dois séculos d'O *Uruguai*»,

ensaio de 1966 (Candido 2004a) sobre a epopeia *O Uruguai* de Basílio da Gama (1769), e «Carta marítima» (Candido 2004b), um estudo de 1989 (e publicado somente em 1992) do texto de Antônio Pereira de Sousa Caldas (1790). Existem ainda alguns ensaios sobre os contextos socioculturais e políticos do arcadismo brasileiro, que serão comentados no decorrer do presente estudo: «A literatura na evolução de uma comunidade», de 1954 (Candido 2006c), uma espécie de microanálise das letras e da literatura em São Paulo entre o século XVIII e meados do XX, «Letras e idéias no período colonial», de 1961 (Candido 2006d), o já citado ensaio «Literatura de dois gumes», de 1966 (Candido 2006a), e «Os ultramarinos», de 1992 (Candido 2004c).

O que chama atenção nessa curta enumeração é a insistência de Antonio Candido em determinado período histórico, mais ainda, em determinado grupo intelectual e artístico do período colonial no Brasil – o Arcadismo – e no conjunto de obras a ele ligadas. Esta constatação se confirma e também se explica quando se acrescenta a esse reduzido número de textos a obra magna de Candido, o seu estudo já clássico sobre a História Literária no Brasil, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de 1959 (Candido 2000). No primeiro volume, levando no título a indicação «1750-1836», Candido apresenta uma mistura de análises abrangentes dos aspectos estéticos, sociais e políticos do Arcadismo no Brasil (por exemplo, das academias ou do grupo de Minas) com análises detalhadas. Nessas últimas, apresenta leituras de obras como o primeiro volume dos *Discursos Político-Morais*, de 1758, de Joaquim de Sousa Nunes, os escritos de Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, Caldas Barbosa e Santa Rita Durão.

A *Formação da literatura brasileira* teve um papel fundamental na reflexão sobre a «independência literária» do Brasil e sobre os desafios de pensar conceitos como «literatura nacional» em contextos pós-coloniais e transnacionais. Nesse livro, o período colonial do Brasil ocupa todo o primeiro volume, fechando justamente com o passo para a autonomia da escrita literária enquanto «sistema literário» brasileiro. Portanto, coloca-se uma questão complexa e instigante: qual é o lugar e quais são as funções que Antonio Candido atribui à literatura colonial (incluindo a problemática da própria periodização) dentro da concepção do «sistema literário» brasileiro em formação? Como se concretiza nessa perspectiva a relação paradoxal – apontada por Antonio Candido desde o início – entre a ruptura com a literatura de Portugal, intencionada pelos escritores e críticos literários nacionalistas do

século XIX, e a necessidade de se pensar a «literatura brasileira» justamente a partir de uma «literatura comum» com Portugal nos séculos anteriores?

Voltando às origens daquilo que, em palavras de Antonio Candido na «Introdução» à *Formação da literatura brasileira*, é «uma história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura» (Candido 2000: 25), se articula assim uma reflexão sobre a historiografia literária com implicações ainda hoje – ou hoje ainda mais – atuais a respeito da escrita e da crítica literária.

Os conceitos e o método

No prefácio à 1ª edição da *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido situa a literatura brasileira de forma clara como originada e se formando dentro da literatura portuguesa:

Cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude dos seus problemas específicos ou da relação que mantém com outras. A brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir. [...] A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas... (Candido 2000: 9)

Assim, Antonio Candido apresenta desde o início uma contextualização «global» da constelação colonial que acabaria por originar a literatura nacional brasileira. Vale lembrar aqui o comentário elucidativo de Ettore Finazzi-Agrò e Roberto Vecchi a respeito da «metáfora vegetal» empregada por Candido, lendo-a em estreita relação com o próprio conceito de «formação» e advertindo «[...] que *secundário*, aqui, não significa exatamente ‘menor’, mas, ainda no seu sentido etimológico, aquilo que vem depois e, ao mesmo tempo, se coloca ao lado, se propondo como começo virtual de um novo sistema discursivo, de um novo paradigma; aquilo que fica fora do lugar ou do ‘local’ da cultura.» (Finazzi-Agrò / Vecchi 2009: 212-213; grifo do original). Antonio Candido denomina esta constelação de «literatura comum», rejeitando discussões e polêmicas sobre a atribuição de determinados autores e obras a Portugal ou ao Brasil, evitando os conceitos da genealogia literária tradicional e dando exemplos que subvertem claramente esta distinção: «É expressivo o fato de que mesmo os residentes em Portugal, incorporados à sua vida, timbravam em qualificar-se como brasileiros, sendo que os mais voltados para temas e sentimentos nossos foram, justamente, os que mais viveram lá, como Durão, Basílio ou Caldos Barbosa» (Candido 2000: 26). Esta visão é sintetizada quase no mesmo trecho da «Introdução», onde An-

tonio Candido situa a sua própria concepção de literatura na interação entre a dimensão literária e o entorno sociocultural:

A nossa literatura é ramo da portuguesa; pode-se considerá-la independente desde Gregório de Matos ou só após Gonçalves Dias e José de Alencar, segundo a perspectiva adotada. No presente livro, a atenção se volta para o início de uma literatura propriamente dita, como fenômeno de civilização, não algo necessariamente diverso da portuguesa. Elas se unem tão intimamente, em todo o caso, até meados do século XIX, que utilizo em mais de um passo, para indicar este fato, a expressão «literatura comum» (brasileira e portuguesa). Acho por isso legítimo que os historiadores e críticos da mãe-pátria incorporem Cláudio ou Sousa Caldas, e acho legítimo inclui-los aqui; acho que o portuense Gonzaga é de ambos os lados, porém mais daqui do que de lá; e acho que o paulista Matias Aires é só de lá. Tudo depende do papel dos escritores na formação do sistema. (Candido 2000: 28)

Mesmo correndo o risco de repetir um lugar-comum, é preciso explicitar o conceito de «sistema literário», aqui mencionado, que orienta a estrutura da *Formação da literatura brasileira*, como também todo o pensamento posterior de Antonio Candido no que diz respeito à questão da «independência literária» no Novo Mundo:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações* literárias, de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem a literatura aspecto orgânico da civilização. (Candido 2000: 23; grifo do original)

A aplicação do conceito de «sistema literário» define, portanto, a periodização da *Formação da literatura brasileira*, nada «evidente» por si e posteriormente objeto de críticas e até polêmicas.¹ Antonio Candido opta conscientemente por limitar o seu estudo a dois períodos, cada um fundamental na formação da literatura brasileira enquanto sistema, e ambos decisivos devido à tensão que existe entre eles tanto no nível da escrita quanto da crítica literária.

¹ «A *Formação da literatura brasileira* prestou-se a elas [leituras simplistas] desde o início, quando Afrânio Coutinho lhe cobra o fato de não começar com a Carta de Caminha. Mais recentemente, Haroldo de Campos, na mesma direção, lhe cobra que, pelo menos, deveria começar pelo Barroco, mais especificamente, com Gregório de Matos, que Antonio Candido teria seqüestrado.» (Chiappini 1992: 171). Ligia Chiappini se refere aqui às duas críticas mais conhecidas e importantes, a primeira formulada por Afrânio Coutinho em *Conceito da literatura brasileira*, de 1960 (Coutinho 1976), a segunda por Haroldo Campos no seu polêmico *O Seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira – o caso Gregório de Matos* (1989). Um balanço crítico mais recente da recepção de *Formação da literatura brasileira* se encontra em Fischer (2009).

Mas há várias maneiras de encarar e de estudar a literatura. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela dependa da existência do triângulo «autor-obra-público», em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição. Sendo assim, a brasileira não nasce, é claro, mas se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo, que vinha de antes e continuou depois. (Candido 2000: 15)

Assim, na *Formação da literatura brasileira* e nos ensaios antes mencionados, «literatura colonial» – enquanto «literatura propriamente dita» –, no pensamento de Antonio Candido, limita-se ao Arcadismo do século XVIII, excluindo períodos anteriores por representarem somente «manifestações literárias». Assim se abre o caminho para seguir Antonio Candido em direção ao foco da sua análise, onde ele introduz um segundo conceito-chave da sua concepção, o «momento decisivo», que serve também como justificativa para não estudar os períodos coloniais anteriores na *Formação da literatura brasileira*: «O momento decisivo em que as manifestações literárias vão adquirir, no Brasil, características orgânicas de um sistema, é marcado por três correntes principais de gosto e pensamento: o Neoclassicismo, a Ilustração, o Arcadismo.» (Candido 2000: 41). Já em 1955, no ensaio «O escritor e o público», Antonio Candido formula essa concepção da literatura brasileira em formação, tratando do momento de transição das «manifestações literárias» para a «literatura propriamente dita»:

É preciso chegarmos ao fim do século XVIII e à fase que precede a Independência para podermos avaliar como se esboçam os elementos característicos do público e da posição social do escritor, definindo-se os valores de comunicação entre ambos. [...] Destaquemos desse contexto a função de SILVA ALVARENGA, provavelmente o primeiro escritor brasileiro que procurou harmonizar a criação com a militância intelectual, graças ao senso quase didático do seu papel. (Candido 2006e: 87)

O critério para se poder falar de uma literatura «enquanto sistema» ou, mais exatamente no caso do período colonial, do primeiro «momento decisivo» na formação do sistema literário brasileiro, é o estabelecimento da comunicação dentro do triângulo formado pelo autor, a obra e o público. Essa constelação se dá, na leitura de Antonio Candido, justamente devido ao engajamento político e à inserção sociocultural dos autores em questão. Não é a cronologia que leva do Brasil-colônia ao Brasil-nação que determina este corte, e sim o surgimento da constelação descrita – que evidentemente está em estreita relação com os acontecimentos históricos. Em outro ensaio, «Letras e idéias no período colonial», de 1961, Antonio Candido formula uma

explicação sumária deste corte bastante nítido realizado por ele na *Formação da literatura brasileira*:

Procurando sintetizar estas condições, poderíamos dizer que as manifestações literárias, ou de tipo literário, se realizaram no Brasil até a segunda metade do século XVIII, sob o signo da religião e da transfiguração.

Aquela foi a grande diretriz ideológica, justificando a conquista, a catequese, a defesa contra o estrangeiro, a própria cultura intelectual. Era idéia e princípio político, era forma de vida e padrão administrativo; não espanta que fosse, igualmente, princípio estético e filosófico. (Candido 2006d: 100)

Não vou discutir aqui as críticas e polêmicas que esta perspectivação originou, e sim explorar a sua produtividade crítica e reflexiva. Finazzi-Agrò e Vecchi explicam de forma muito clara que esta opção de Candido contra a historiografia cronológica e pelo corte e recorte através da história, possibilita articular de forma fundamental o seu método e pensamento a respeito da literatura brasileira «em formação»:

Nesse «corte periodológico» é a dimensão do não-corte que emerge. Não é uma origem, mas uma problemática dos inícios, inícios «discretos» como os que Foucault e a genealogia apontam para a oposição ao mito da origem. É pelo viés particular da formação (como gênero ou figura) e da forma a que a formação remete que podemos talvez captar uma relação mais estrita entre formação e genealogia. A formação de fato se constrói a partir de uma outra metáfora «organicista», não vegetal mas de qualquer modo sempre natural: a da geologia. (Finazzi-Agrò / Vecchi 2009: 205)

O Arcadismo na *Formação*

As análises contidas no primeiro volume da *Formação da literatura brasileira* dão vida e substância ao conceito abstrato de «momento decisivo», aplicado inicialmente ao Arcadismo como primeiro impulso formativo de uma literatura brasileira. Candido usa o termo Arcadismo para se referir a toda uma época com diferentes aspectos e elementos que confluem na escrita e produção literária nela surgidas:

No caso do Brasil – mero apêndice da Metrópole – é necessário assinalar qual o significado e a influência das tendências arcádicas, no sentido amplo definido inicialmente, que engloba Classicismo e Ilustração. Começando pelo fim, podemos dizer que elas forneceram bons elementos para constituir a sua literatura e incorporá-la à cultura do Ocidente.

Quatro grandes temas presidem à formação da literatura brasileira como sistema entre 1750 e 1880, em correlação íntima com a elaboração de uma consciência naci-

onal: o conhecimento da realidade local; a valorização das populações aborígenes; o desejo de contribuir para o progresso do país: a incorporação aos padrões europeus. (Candido 2000: 66-67)

No final do trecho citado encontramos os elementos-chave analisados por Candido no Arcadismo, que constituem e nutrem as suas ambiguidades e conflitividades inerentes e produtivas. Assim, uma característica particular da escrita arcádica, o modelo clássico europeu da arte e da literatura, entra em confronto com a realidade social e natural no Brasil.

Talvez seja possível, mesmo, afirmar que a vituperada quinquilharia clássica tenha sido, no Brasil, excelente e proveitoso fator de integração cultural, estreitando com a cultura do Ocidente a nossa comunhão de coloniais mestiçados, atirados na aventura de plasmar no trópico uma sociedade em molde europeu. O poeta olhava pela janela, via o monstruoso jequitibá, suspirava ante «a grosseria das gentes» e punha resolutamente um freixo no poema: e fazia bem, porque a estética segundo a qual compunha exigia a imitação da Antiguidade, graças à qual, dentre as brenhas mineiras, comunicava espiritualmente com o Velho Mundo e dava categoria literária à produção bruxuleante da sua terra. (Candido 2000: 68)

Não é aqui o lugar para apresentar e comentar exaustivamente as análises individuais e detalhadas que Candido faz das obras do Arcadismo no Brasil. O meu interesse se centra em ampliar a visão sobre «o lugar da literatura colonial» no pensamento de Antonio Candido em ensaios posteriores à *Formação da literatura brasileira*.

O Arcadismo para além da *Formação*

O pensamento e a obra de Antonio Candido são, no fundo, representantes do ensaísmo da melhor tradição latino-americana ou latino-americanista, até e inclusive numa obra aparentemente tão monumental como a *Formação da literatura brasileira*. Não vou me deter neste ponto, somente quero fazer este comentário para sublinhar a importância da escrita crítica curta em Candido e assim evitar a impressão de que os ensaios posteriores à *Formação da literatura brasileira* seriam menores que ela ou meros apêndices ao grande livro inicial.²

Em «Os ultramarinos», ensaio de 1992, Candido realiza uma ampliação da perspectiva bem no sentido dos seus «grandes» e influentes ensaios escritos nos anos 60 e 70, situando a literatura – com toda a sua autonomia relati-

² A respeito da tradição do ensaio em Antonio Candido, cf. entre outros Arrigucci Jr. (1992) e Faccioli (1997).

va – substancialmente dentro de seu contexto social e cultural, aqui aplicada à literatura colonial.³ Este ensaio focaliza o impulso de autonomia, presente no Arcadismo, com duas particularidades: que exista este impulso justamente num período de literatura colonial e que a partir da literatura este impulso se espalhe para outros âmbitos, tendo efeitos políticos concretos nas Inconfidências Mineira e Carioca do fim do século XVIII. A análise de *Candido* mostra a importância cultural e política da «vida literária» – as obras e, mais ainda, o seu entorno social – para o surgimento de novas ideias e a ação política dos letrados no Brasil-colônia. Ao mesmo tempo reforça o fato de que os representantes do Arcadismo no Brasil atuavam com grande sensibilidade à inserção colonial e internacional da literatura, devido às dinâmicas contraditórias presentes no processo de formulação de uma consciência nacional:

E isto, de maneira curiosa, pois [os poetas de Minas] não se ligaram á Arcádia Lusitana, mais próxima sob todos os aspectos, e da qual um dos fundadores viveu muito tempo aqui, o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, cujo nome pastoral era Elipino Nonacriense, e teve papel tão lamentável nos processos de Minas e do Rio. Ligaram-se diretamente à grande matriz, ao modelo supremo do Arcadismo, que foi a de Roma; e isso sancionava a sua qualidade de participantes de uma vida cultural mais prestigiosa do que a portuguesa. [...] Deste modo, o Brasil equiparava a ele [o colonizador], pois praticava o mesmo tipo de literatura e podia ser identificado pela mesma convenção pastoral, que valia por um certificado de civilização. (*Candido* 2004c: 159)

Em «Literatura de dois gumes» encontramos uma espécie de retomada e síntese das reflexões formuladas na *Formação da literatura brasileira* a respeito do Arcadismo, ainda em estreita relação e tensão com o Romantismo do século XIX. O ensaio reforça a posição que considera o Arcadismo como uma fase decisiva da literatura brasileira ainda em tempos coloniais, que adquire este status justamente através de seu entrelaçamento substancial com o Romantismo, situado já no contexto do Brasil independente. Tal é a articulação central que já orientava a *Formação da literatura brasileira* na sua estrutura e composição. Mas em «Literatura de dois gumes» *Candido* se dedica a explicitar as implicações dessa constelação para além dos limites do que viria a ser a literatura brasileira:

³ Refiro-me principalmente a «Literatura e subdesenvolvimento», de 1970 (*Candido* 2006f), que influenciou profundamente a reflexão sobre os contextos socioculturais da literatura na América Latina, para além das fronteiras do Brasil e da língua portuguesa.

A sua tomada de posição, que caro lhes custou [aos poetas de Minas], pode ser considerada o primeiro sinal concreto do movimento que terminaria com a independência política em 1822. E isto mostra como a literatura foi atuante na imposição dos padrões culturais e, a seguir, também como fermento crítico capaz de manifestar as desarmonias da colonização. (Candido 2006a: 207)

Candido formula uma defesa explícita do Arcadismo contra as críticas unilaterais e generalizadas, destacando a forma rígida do modelo clássico como ferramenta adequada – aliás extraordinariamente produtiva – no confronto com a realidade sociocultural e natural dos poetas.

Para o historiador, o aspecto mais interessante da literatura nos países da América é a adaptação dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Mundo, por intermédio do processo colonizador, de que é um episódio. A este respeito começemos por dizer que em nossa formação as nossas literaturas são essencialmente européias, na medida em que continuam a pesquisa da alma e da sociedade definida na tradição das metrópoles.

[...] Deste modo, deu-se no seio da cultura européia uma espécie de experimentação, cujo resultado foram as literaturas nacionais da América Latina no que têm de prolongamento e novidade, cópia e invenção, automatismo e espontaneidade.

[...] Portanto, o que houve não foi fusão prévia para formar uma literatura, mas modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo. (Candido 2006a: 198-199)

Chama atenção a «naturalidade» com que Candido, ao falar inicialmente do Arcadismo brasileiro, passa a se referir ao contexto latino-americano como um todo, evidenciando o caráter exemplar do caso brasileiro para a compreensão dos aspectos comuns nascidos da história comum das colônias americanas. Aqui vemos a ampliação da perspectiva sobre a literatura colonial – na perspectiva de Antonio Candido sempre limitada ao Arcadismo – e a sua conexão estreitíssima com a preocupação de Candido a respeito da questão da autonomia literária no Brasil e na América Latina.

Com isso, voltamos ao ponto de partida, à citação inicial deste ensaio que agora mostra todas as suas implicações no pensamento crítico de Antonio Candido. Toda a ambiguidade e conflitividade do processo colonial – aqui condensado na história literária – vem à tona e entra na reflexão sobre as características e valores da cultura em contextos pós-coloniais. O lugar da literatura colonial no pensamento de Antonio Candido – na *Formação da literatura brasileira* enquanto estudo e enquanto processo – permite vislumbrar e analisar as origens desta ambiguidade problemática e ao mesmo tempo – por inevitável e historicamente dada – produtiva.

A Formação no contexto latino-americano

A literatura colonial anterior ao Arcadismo não obtém lugar na *Formação da literatura brasileira* e dentro da concepção de Antonio Candido, por não representar uma literatura propriamente dita, por não se ter constituído ainda enquanto «sistema literário». O Arcadismo é, nessa perspectiva sistêmica, o primeiro e portanto fundamental «momento decisivo» da literatura brasileira, e isto apesar de pertencer ao período colonial, quer dizer, a Portugal ou pelo menos à «literatura comum» entre colônia e metrópole, e não ao Brasil independente.

Toda esta perspetivação – a exclusão da produção literária anterior ao fim do século XVIII, principalmente da literatura barroca, a redefinição de separações e ligações em prol da visão sistêmica – representa uma transgressão das delimitações tradicionais (e em parte ainda vigentes) da historiografia literária, assinalada já na «Introdução» da *Formação da literatura brasileira*:

Do mesmo modo, embora os escritores se disponham quase naturalmente por gerações, não interessou aqui utilizar este conceito com rigor nem exclusividade. Apesar de fecundo, pode facilmente levar a uma visão mecânica, impondo cortes transversais numa realidade que se quer apreender em sentido sobretudo longitudinal. Por isso, sobrepuja ao conceito de geração o de tema, procurando apontar não apenas a sua ocorrência, num dado momento, mas a sua retomada pelas gerações sucessivas, através do tempo. (Candido 2000: 36)

O maior mérito dessa perspetivação, ao meu ver, consiste em ampliar a visão histórica sobre a literatura para a dimensão da crítica literária, para além do âmbito estritamente acadêmico. O conceito de «sistema literário» permitiu e ainda permite enxergar a literatura colonial no Brasil e o seu lugar na história da literatura brasileira de forma dinâmica. Tal perspectiva supera noções tradicionais de «influências» entre literaturas nacionais supostamente fechadas e monolíticas e de um «desenvolvimento» ou «progresso» linear de uma literatura, dando lugar a pensar a evolução da escrita literária dentro de determinado contexto como interações tanto internas quanto externas entre autores, obras, intermediários e leitores. Essa ampliação e flexibilização da perspectiva está demonstrada e analisada de forma exemplar no primeiro volume d'A *Formação* e inserido na perspectiva histórica mais abrangente (até o Realismo) através do segundo volume, como explica Ligia Chiappini:

Embora associando o arcadismo à colônia e o romantismo ao Brasil independente, os românticos consideravam os árcades como seus antepassados intelectuais. E é esse o fato que interessa a Antonio Candido retomar, sobretudo a partir da constatação de que, paradoxalmente, a teoria da literatura brasileira, propugnada contra o

arcadismo, tem sua origem na crítica estrangeira de um Garrett e de um Ferdinand Denis, entre outros, inspirados por sua vez em Schlegel, Mme. de Stael e Chateaubriand, e exportada diretamente ao Brasil por Gonçalves de Magalhães e seu grupo. (Chiappini 1992: 173)

Também é de se constatar que Candido «descobre» na geração do Arcadismo brasileiro as origens ou as bases para a posterior autonomização do escritor enquanto agente cultural com determinado papel e posição social, no sentido moderno do intelectual:

Mas a agremiação e a comemoração eram, precisamente, oportunidade para ressaltar a especificidade virtual do escritor, destacando-o das funções lhe definiam realmente a posição social: magistrado, funcionário, militar, sacerdote, professor, fazendeiro. Na medida em que o faziam, estabeleciam um critério de identificação social do letrado como letrado, não como membro de um destes grupos funcionais, resultando a consequência muito significativa de lançarem, ainda que embrionariamente, as bases para a definição do status e do papel do escritor. (Candido 2000: 74)

E, como já vimos há pouco, a partir da ampliação de perspectiva crítica sobre as dinâmicas da criação literária em condições de colônia, pode-se reconstruir uma linha de reflexão crítica – também ela partindo da literatura – que no decorrer da segunda metade do século XX vai estudando a esfera da cultura na América Latina, exercendo considerável influência nos estudos culturais e pós-culturais no encontro entre latino-americanismo e academia norte-americana.⁴

Nomeadamente, a partir do ensaio «Literatura e subdesenvolvimento», de 1970, o pensamento de Antonio Candido ganha maior projeção e recepção no âmbito latino-americano, iniciando diálogos críticos com pensadores da América hispânica como o uruguaio Ángel Rama e entrando em estudos sobre as origens das literaturas nacionais e regionais no México, nos países andinos ou do Rio da Prata. É justamente a partir do conceito de «sistema literário» e do questionamento das periodizações tradicionais das literaturas americanas que ele possibilita, que surgem novos enfoques da história literária e dos movimentos literários na América hispânica. Essa transposição

⁴ Em primeiro lugar é preciso mencionar as traduções de Antonio Candido para outras línguas. Existem várias antologias em espanhol, das quais a mais representativa é sem dúvida a que foi incluída na Biblioteca Ayacucho (Candido 1991); em inglês (Candido 1995) e alemão (Candido 2005) as antologias se situam no contexto acadêmico, como também o fato do ensaio «Literatura e subdesenvolvimento», em tradução para o inglês, integrar o canônico *Latin American Cultural Studies Reader* (Candido 2004d). Um panorama crítico desse contexto mais amplo é fornecido pelos estudos reunidos em Antelo (2001). Cf. a respeito desse diálogo o estudo de Pablo Rocca (2001).

conceitual e metodológica se inicia já em 1960, depois de um encontro pessoal entre Antonio Candido e Ángel Rama, em Montevideu, quando Rama começa a aplicar os conceitos de «sistema literário» e «formação» às suas reflexões sobre a tradição e a autonomia literárias na América Latina, partindo do caso da «literatura gauchesca» (Rama 2001). A partir dessa ruptura na perspectiva temporal, também vão se articulando novos cortes espaciais, como o conhecido conceito de «comarcas culturais», cunhado por Ángel Rama para reexaminar a questão das literaturas nacionais na América Latina sob a luz da «transculturação narrativa» (Rama 2004):

Para hallar una prolongación de la propuesta crítica contenida en ese texto [*Formação da literatura brasileira*], será preciso indagar, curiosamente, en el ámbito hispanoamericano: no existe una obra dentro del Brasil que se aproxime más nitidamente a la línea de investigación trazada por Candido en la *Formação da literatura brasileira*, como la realizada por Ángel Rama en sus estudios sobre Rubén Darío y el modernismo hispanoamericano. En sus trabajos, Rama renovó la crítica sobre el período modernista trazando los verdaderos alcances de su enfoque como época cultural, y podemos decir que esa renovación es teóricamente indisoluble de los presupuestos metodológicos de la *Formação da literatura brasileira*, tanto por la concepción de la «literatura como sistema» que él adopta explícitamente, como por el punto de vista crítico y de interpretación de los textos literarios. (Martínez 1991: XVI)

E como lembra Ligia Chiappini no ensaio acima citado, o que se mostra extremamente produtivo aqui é a tensão que Antonio Candido percebe e estuda na *Formação da literatura brasileira* entre a continuidade e a ruptura, e que vai se construindo aos poucos e aos saltos uma tradição literária. Essa concepção experimentou aplicações em diferentes contextos literários hispano-americanos, mas também e principalmente no nível da crítica literária, articulando um processo análogo de «formação» de um sistema crítico interligado e interdependente latino-americano. No contexto nacional brasileiro, a leitura que Candido aplica à história literária deve ser vista como análoga ao uso que ele faz da crítica e historiografia literária anterior a ele, incorporando-a na sua reflexão e contribuindo assim à formação de uma tradição crítica, como mostram Finazzi-Agrò e Vecchi:

[O] método histórico-crítico de Candido é também ele, como já foi notado, resumo e superação de modelos historiográficos vindos do século anterior: a *Formação* seria, nesse sentido, um «momento decisivo» recapitulando as leituras e atualizando os discursos de Silvio Romero e de José Veríssimo e os «fazendo passar» para o presente de uma escrita crítica que se apresenta, por sua vez, como provisória, como «formativa» de um cânone e que se dispõe a ser, ela mesma, ultrapassada por uma

«outra história», por novos cânones e novos argumentos. (Finazzi-Agrò / Vecchi 2009: 212)

No contexto latino-americano, a obra de Antonio Candido e os conceitos de «formação» e «sistema literário» representam um ponto de partida para diálogos e transferências a outras literaturas nacionais e regionais (no sentido infra e supranacional) através do continente. Cito a modo de exemplo e por conter uma reflexão muito concreta sobre o conceito de sistema literário – aplicado à literatura colonial no México –, um ensaio do crítico mexicano Jorge Ruedas de la Serna:⁵

[P]odemos decir que en la Nueva España ya desde el barroco se conformó un sistema literario, que propiamente podríamos denominar «sistema literario del virreinato», en el que no se trata ya de manifestaciones aisladas, como pudo haber sido todavía en el siglo XVI, sino de un sistema literario perfectamente formado y articulado. [...] Ese sistema literario, perfectamente consolidado, no puede aún, desde el punto de vista histórico, denominarse justamente «sistema literario mexicano», que habrá de constituirse sólo con la Independencia, sino «sistema literario virreinal». Se articula en la égida de la relación colonial, por ello mantiene profundas vinculaciones de interdependencia con la metrópoli y, además, con los otros virreinos. (Ruedas de la Serna 2005: 18-19)

Este exemplo mostra também que em diferentes constelações socioculturais, um estudo análogo à *Formação da literatura brasileira* teria que escolher outros «momentos decisivos» e, portanto, realizar outros cortes e recortes na história literária em questão. O que interessa aqui, além dessa pequena mostra de aplicabilidade do conceito a outros contextos literários, é verificar mais uma vez a sua produtividade através do diálogo intenso com outras reflexões sobre a produção e circulação da literatura em contextos marcados pela continuidade descontínua da colônia à independência. Um dos diálogos mais produtivos e importantes que a concepção de Candido fez surgir foi o já mencionado com Ángel Rama. No início do livro que desenvolve – no exemplo da «comarca andina» e da obra do peruano José María Arguedas – o conceito seminal de «transculturación narrativa», Rama oferece uma visão muito expressiva do espaço aberto através desse diálogo:

Las obras literarias no están fuera de las culturas sino que las coronan y en la medida en que estas culturas son invenciones seculares y multitudinarias hacen del escritor un productor que trabaja con las obras de innumerables hombres. Un compilador, hubiera dicho Roa Bastos. El genial tejedor, en el vasto taller histórico de la sociedad americana. (Rama 2004: 19)

⁵ Cf. ainda os estudos de Adriana Amante e Florencia Garramuño (2001) e de Adriana Amante (2009) sobre a presença do pensamento de Antonio Candido na crítica literária argentina.

Poder chegar até aqui, na «vastidão» da cultura latino-americana enquanto processo de «formação» e «desejo de ter uma literatura» autônoma, a partir de um momento específico na *Formação da literatura brasileira* e seguindo as reflexões formuladas a partir dali... esta trajetória exemplifica, ao meu ver, de forma fascinante qual é e qual pode ser «o lugar» da literatura colonial – o seu papel, a sua função, os seus significados – assim como dos seus respectivos estudos na formação da literatura brasileira e para além dela.

Referências

- Amante, Adriana. «Esquema argentino de Antonio Candido». *Literatura e Sociedade*, vol. 14, n.º 11, 2009, 112-127.
- Amante, Adriana / Garramuño, Florencia: «Partir de Candido». Em: Raúl Antelo (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, University of Pittsburgh, 2001, 95-117.
- Antelo, Raúl (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, University of Pittsburgh, 2001.
- Arrigucci Jr., Davi. «Movimentos de um leitor. Ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido». Em: Maria Angela D'Incao / Eloísa Faria Scarabotolo (eds.). *Dentro do texto, dentro da vida: Ensaaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1992, 181-204.
- Campos, Haroldo. *O Seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira – o caso Gregório de Matos*. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
- Candido, Antonio. *Crítica radical*. Selección, cronología, bibliografía, traducción y notas de Márgara Russotto. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.
- Candido, Antonio. *On literature and society*. Translated and edited by Howard S. Becker. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira. (Momentos decisivos)*. Belo Horizonte / São Paulo: Ed. Itatiaia / Martins, 2000.

- Candido, Antonio. «A dois séculos d'O Uruguai». Em: Antonio Candido. *Vários escritos*. 4.^a ed., reorganizada pelo autor. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004a, 125-146.
- Candido, Antonio. «Carta marítima». Em: Antonio Candido. *O discurso e a cidade*. 3.^a ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Ouro sobre Azul / Duas Cidades, 2004b, 175-194.
- Candido, Antonio. «Os ultramarinos». Em: Antonio Candido. *Vários escritos*. 4.^a ed., reorganizada pelo autor. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004c, 153-168.
- Candido, Antonio. «Literature and Underdevelopment». Em: Ana del Sarto / Alicia Ríos / Abril Trigo (eds.). *The Latin American Cultural Studies Reader*. Durham: Duke University Press, 2004d, 35-57.
- Candido, Antonio. *Literatur und Gesellschaft*. Aus dem Portugiesischen von Marcel Vejmelka. Herausgegeben von Ligia Chiappini. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005.
- Candido, Antonio. «Literatura de dois gumes». Em: Antonio Candido. *A educação pela noite*. 5.^a ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, 197-217.
- Candido, Antonio. «Estrutura literária e função histórica». Em: Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 9.^a ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b, 177-200.
- Candido, Antonio. «A literatura na evolução de uma comunidade». Em: Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 9.^a ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006c, 147-176.
- Candido, Antonio. «Letras e idéias no período colonial». Em: Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 9.^a ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006d, 98-115.
- Candido, Antonio. «O escritor e o público» Em: Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 9.^a ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006e, 83-98.
- Candido, Antonio. «Literatura e subdesenvolvimento». Em: Antonio Candido. *A educação pela noite*. 5.^a ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006f, 169-198.

- Chiappini, Ligia. «Os equívocos da crítica à ‘Formação’». Em: Maria Angela D’Incao / Eloísa Faria Scarabotolo (eds.). *Dentro do texto, dentro da vida: Ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1992, 170-177.
- Coutinho, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas / MEC, 1976.
- Faccioli, Valentim. «O ensaio de Antonio Candido». Em: Flávio Aguiar; José Carlos Meihy; Sandra Vasconcelos (eds.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, 78-86.
- Finazzi-Agrò, Ettore / Vecchi, Roberto. «A formação e a história fraturada: uma dupla aproximação». *Literatura e Sociedade*, vol. 14, n.º 11, 2009, 196-213.
- Fischer, Luis Augusto. «Formação hoje – uma hipótese analítica, alguns pontos cegos e seu vigor». Em: *Literatura e Sociedade*, vol. 14, n.º 11, 2009, 164-185.
- Martínez, Agustín. «Radicalismo y latinoamericanismo en la obra de Antonio Candido». Em: Antonio Candido. *Crítica radical*. Selección, cronología, bibliografía, traducción y notas de Márgara Russotto. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991, IX-XXXII.
- Rama, Ángel. «La construcción de una literatura». Em: Raúl Antelo (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, University of Pittsburgh, 2001, 21-34.
- Rama, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 4.ª ed. México: Siglo Veintiuno, 2004.
- Rocca, Pablo. «Notas sobre el diálogo intelectual Ángel Rama / Antonio Candido». Em: Raúl Antelo (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, University of Pittsburgh, 2001, 47-67.
- Ruedas de la Serna, Jorge. «Literatura como sistema: México y Brasil». *Cuadernos Americanos*, 113, 2005, 11-19.